o nome das coisas

instruções para apreciação deste catálogo

> "As máquinas e equipamentos devem possuir manual de instruções fornecido pelo fabricante ou importador, com informações relativas à segurança em todas as fases de utilização" (NR12.125)

Descrição do catálogo:

Nas próximas páginas é possível encontrar 3 grupos distintos de informações relevantes. O primeiro grupo está diretamente relacionado à abertura da expoisção *o nome das coisas*, realizada no sábado, 9 de novembro de 2019. São sequências de imagens, sem legenda, que permitem ao leitor um breve contato com a experiência de estar com as artistas, suas obras e o público. O segundo grupo apresenta a produção de livros de artista e livros-objetos expostos durante a mostra, com seus dados mais relevantes tanto técnica quanto poeticamente. Neste momento, imagem e texto são importantes e intercambiantes para que o leitor acesse diferentes camadas de cada obra.O terceiro grupo está relacionado aos encontros do grupo de estudos *Livros de artista, livros-objetos: entre vestígios e apagamentos* realizados quinzenalmente durante o ano de 2019. São imagens que ilustram o processo criativo de cada uma das artistas. Dispensa legendas.

Recomendação de segurança:

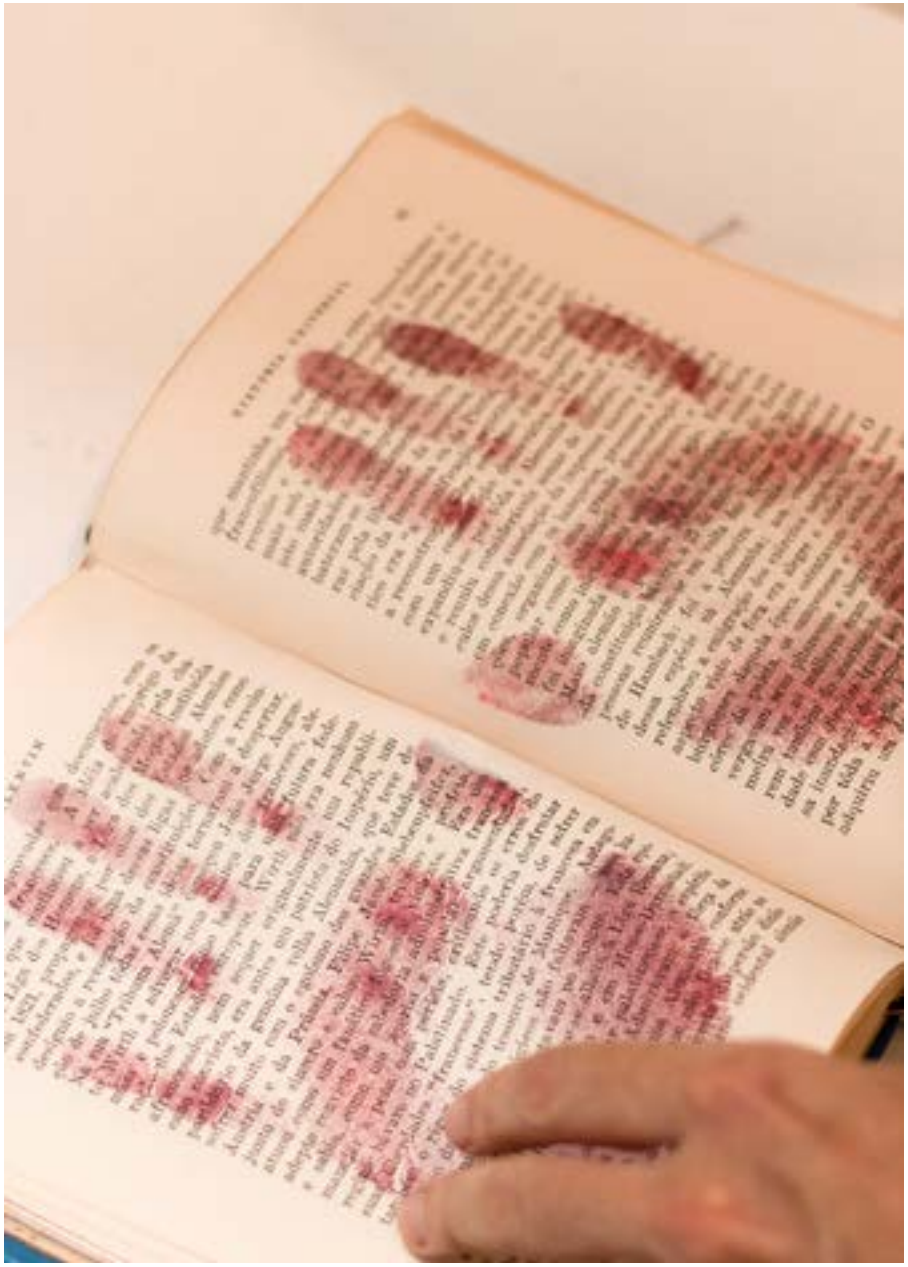
Para a leitura deste catálogo o leitor deverá estar atento a possíveis diálogos que as imagens trarão em si e entre si. A sequência visual proposta poderá causar uma vontade de produzir livros, de lê-los com todos os sentidos e até mesmo de possuí-los. Não se assuste, estes sintomas estão relacionados com a memória que temos de objetos do cotidiano, com os quais esses livros de artista dialogam. Pequenas banalidades que ganham espaço para serem vista com atenção.

Manuseio:

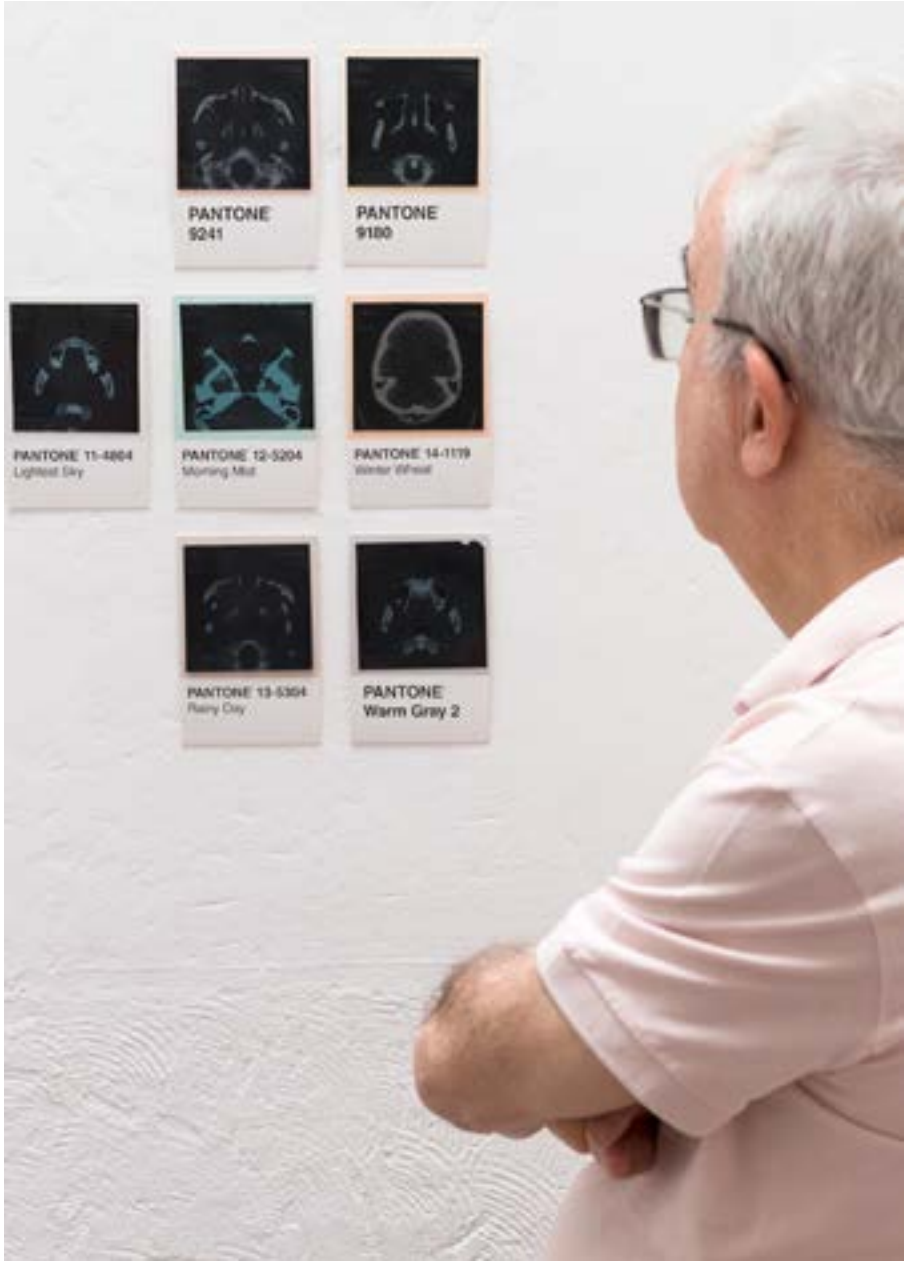
Este catálogo não possui uma ordem obrigatória de leitura. Caso esteja lendo isso, só porquê está no início não quer dizer que precise continuar assim.

Peças:

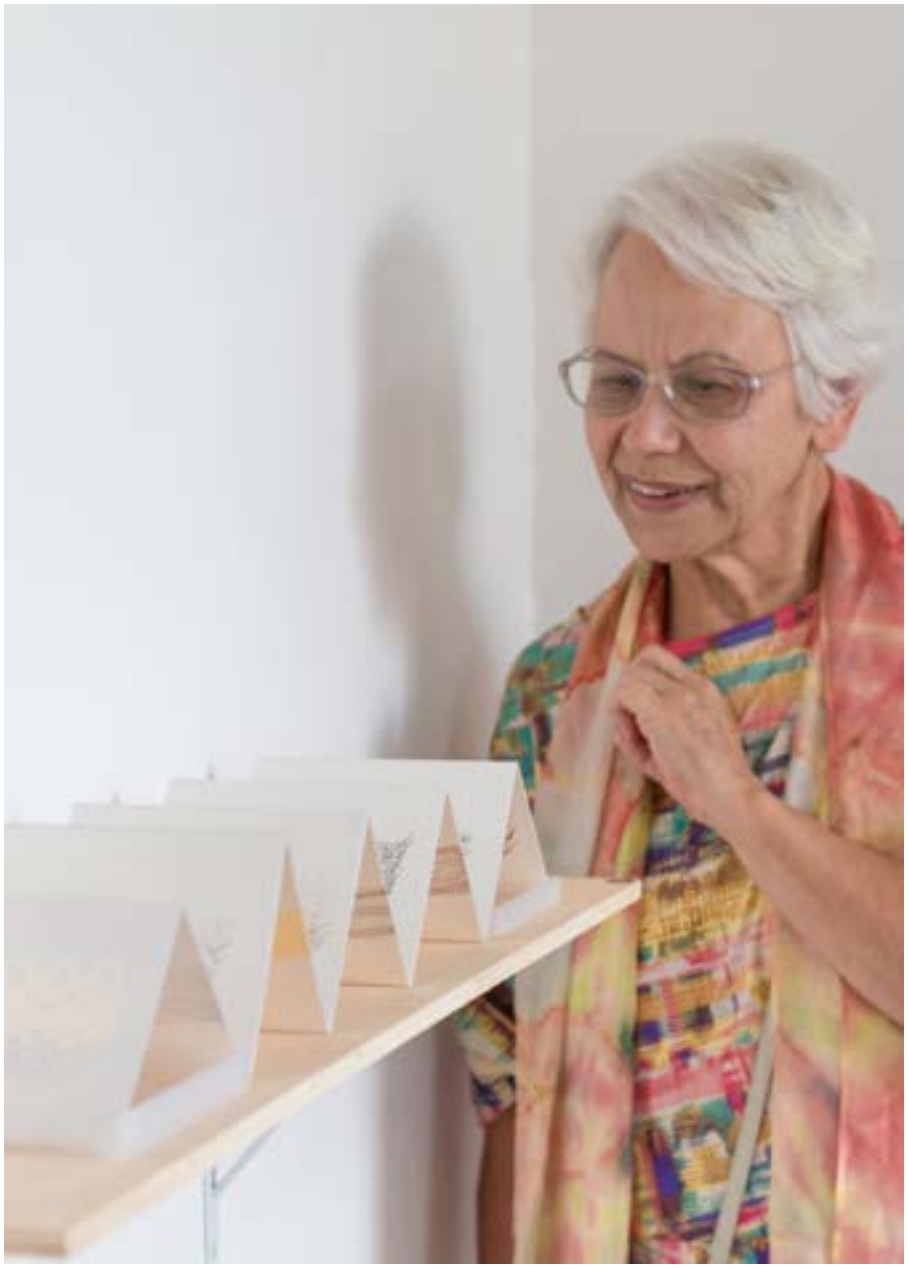
11 artistas mulheres, uma curadora, 38 obras.



EVERYDAY
HALLENGES
ARN NEW SKILLS


PANTONE
9241
PANTONE
9180
PANTONE 11-4804
Lightest Sky
PANTONE 12-5204
Morning Mist
PANTONE 14-1119
Winter Wheat
PANTONE 13-5304
Rainy Day
PANTONE
Warm Gray 2

ECRETOS
157



Texto curatorial

Exposição de livros de artista e livros-objetos produzidos por 11 artistas mulheres durante o ano de 2019. Este é o resultado das conversas e proposições do grupo de estudos *Livros de artista, livros-objetos: entre vestígio e apagamentos*, coordenado por mim, curadora dessa mostra.

Os livros de artista são objetos de arte que questionam a estrutura, a linguagem e o meio do livro em diálogo com outros objetos do cotidiano, cujo significado é atribuído pelo próprio observador por meio das linguagens artísticas.

Cada livro de artista e livro-objeto exposto apropria-se dessas linguagens, entre elas a poesia visual, as artes gráficas, as artes manuais, a pintura e a instalação para assim potencializar uma de suas características mais evidentes, a transdisciplinaridade. São apresentados diferentes formatos, desde miniaturas, passando por outros tamanhos e diversos suportes que ocupam prateleiras, mesas, paredes e cantos.

Dobras, cortes, costuras... modos de manusear que permitem vivências com o livro para além de sua história e reconhecida função. Como o próprio título já anuncia, o nome das coisas, é uma de nossas necessidades vitais, entender o mundo, nomeá-lo e compartimentá-lo para assim poder estudá-lo e acessá-lo. No caso do livro de artista, fazemos a mesma coisa. No entanto nele há a possibilidade de ser tantas coisas, o e faz com que esteja em constante transmutação, de algo carnal para algo experimental.

Temos na memória, diferentes livros, os quais são associados a lugares e pessoas. Nesse movimento constante entre o tempo, a memória nos ajuda na leitura. Como proposta, as artistas teriam como possibilidade o diálogo com o poema de Bobby Baq, *Teoria básica dos objetos invisíveis I*, assim extravasando os contornos do poema, o livro, torna-se o próprio fazer artístico.

Afinal, o que é livro de artista? Responda você na experiência de estar, vivenciar e possuir esses livros em suas mãos e olhos.

Fabiola Notari
novembro/2019

sobre os trabalhos, diálogos com as artistas

Christina Parisi.....17 | 41

Clarice Vasconcellos.....19 | 44

Irene Guerreiro.....21 | 45

Gisele Asanuma.....23 | 48

Lídice Salgot.....25 | 49

Marcia Rosenberger.....27 | 52

Margarida Holler.....29 | 53

Marisa Garcia de Souza.....31

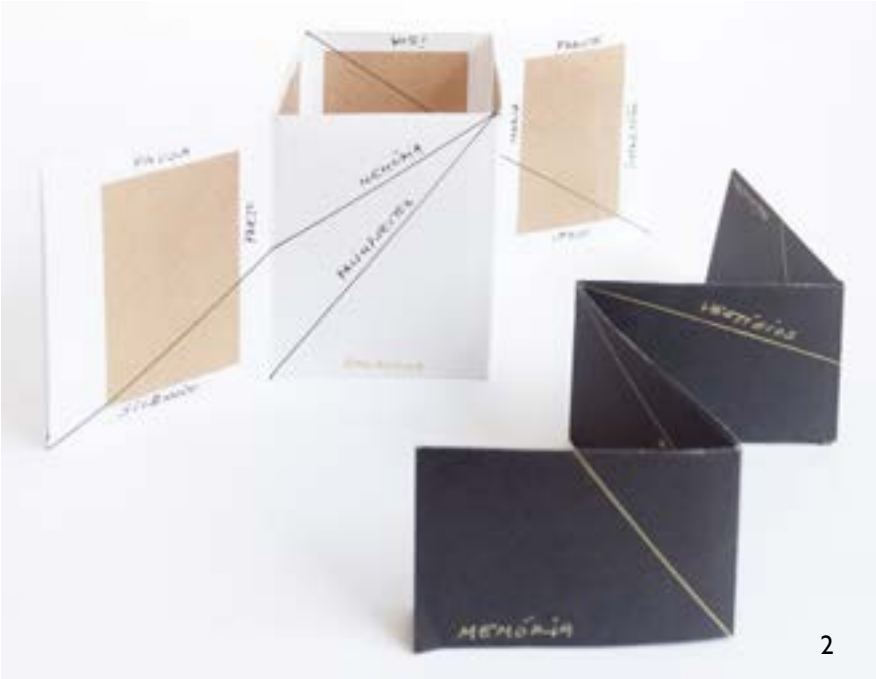
Renata Danicek.....33 | 55

Rita Balduíno.....35 | 57

Sandra Lopes.....37 | 60

Coletivo.....39

1



2

3

4

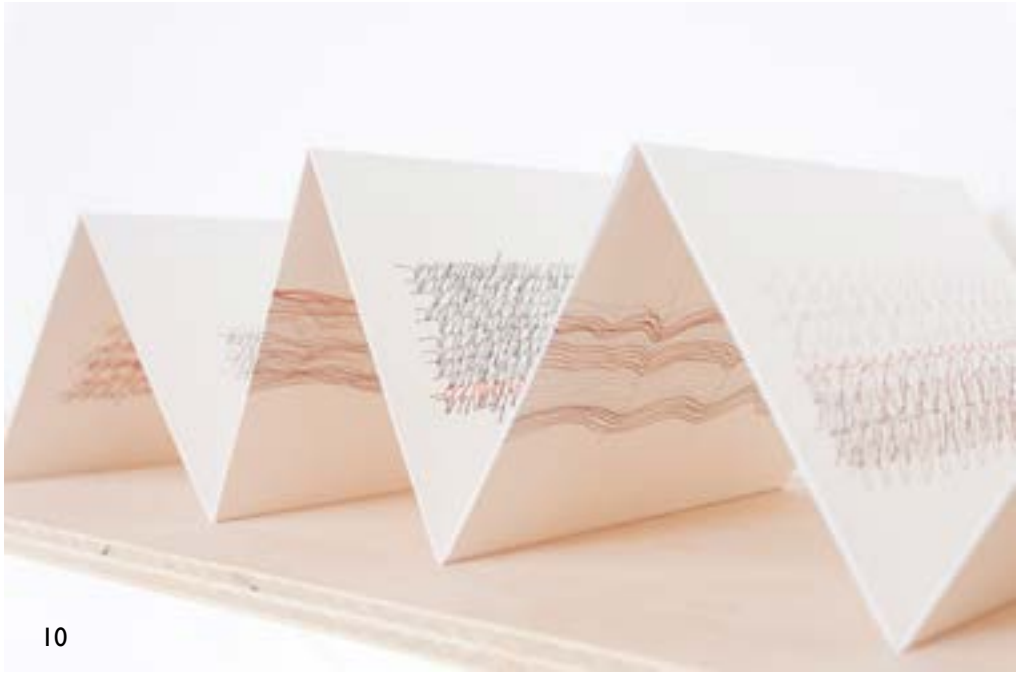
6

5

7

8

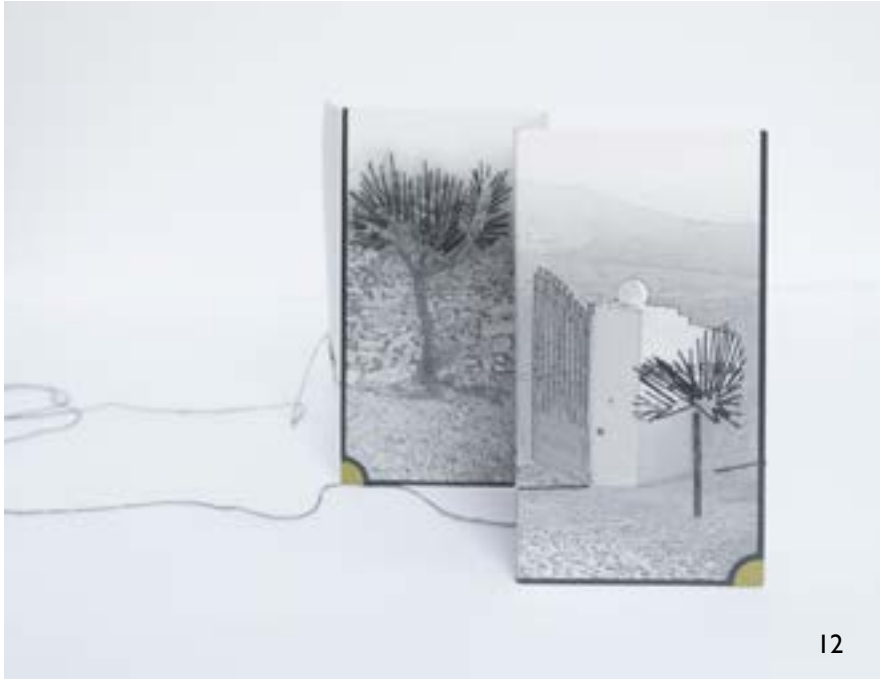
9



10

11

13



12

14

O tempo passou
Bebê cresceu
Roupinhas amiram
Outras vieram
Ninguém arrancou
O bebê assim gosta
E assim ficou
Irena Guerreiro

15

16

17

18

PANTONE 13-5304
Rainy Day

19

PANTONE
9241
PANTONE
9180
PANTONE 11-4804
Lightest Sky
PANTONE 12-5204
Morning Mist
PANTONE 14-1119
Winter Wheat
PANTONE 13-5304
Rainy Day
PANTONE
Warm Gray 2

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

na esquina, exibe
de a
Tráfico.
Violentos carros
blinda

42

Trágicos Palhaços
entos
lento.
, assalto.

cio

43

HISTÓRI

44

SEGUE

45

A IMAGEM
O SENTIDO
O VISÍVEL
O ESPAÇO
O JEITO
UNS FATOS

46

47

48

49

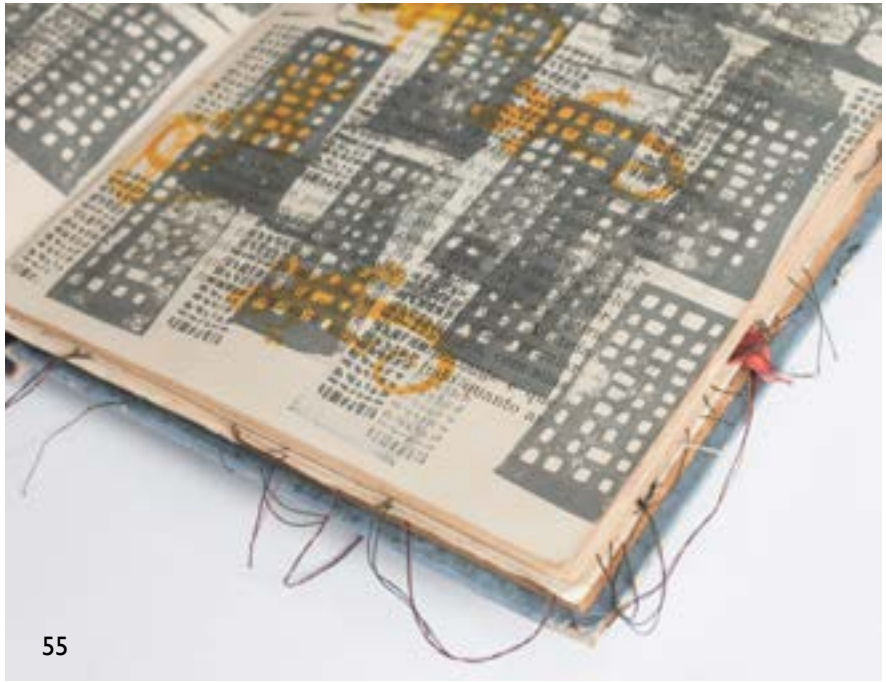
50

51

52

53

54



55

Livro de Artista: Texto Poético

Fragmentos, vestígios e rastros.
Uma narrativa da memória no tempo e no espaço.
Encontros / desencontros.
Arte da vida, arte na vida.
Vida que anda, que passa.
Encontros de cor, luz e sombra.
Alma que se reflete e se espelha.
Alegrias, raivas, tristezas.
Tudo pode ser o conteúdo para um trabalho.
Muitos livros, muitas vivencias.
Medidos pelo tempo, tempo de execução e de elaboração.
O gesto, os tons, o ritmo.
Surpresas e conceitos implícitos e explícitos como nós mesmos.
Quanta surpresa, quanta afinidade de temas, de linhas, de assuntos.
Conselhos, palpites, interferências, elogios.
Acrescentar, recortar, apagar, refazer.
Confiança. Acerto. Desenvolvimento.

Christina Parisi

Régua: une dois pontos, mede distâncias, divide o espaço

Régua. Instrumento simples, que me permite construir várias formas. Desde as geométricas até outras elaborações mais detalhadas.

Posso medir as distâncias, os vazios, as áreas indeterminadas entre um ponto e outro.

Pode ser manuseada em qualquer direção ou sentido; pode ligar dois pontos ou mais.

Organiza o espaço, define retas, permite o caminho das linhas.

Objeto sempre presente no meu cotidiano de trabalho, me acompanha em várias técnicas que utilizo para me expressar.

Mede distâncias, une extremidades, orienta o trajeto da mão no espaço concreto de uma superfície.

Enfim, de faces retangulares, superfície plana, arestas retilíneas, dividida em unidades de medida.

Assim, posso construir um universo de formas, texturas, sobreposições, caminhos e espaços a serem percorridos com os olhos e com as mãos em minhas expressões artísticas.

Sempre junto.

Presente em minha mesa de trabalho como ferramenta essencial.

Christina Parisi

A casa morrida

Acho que ainda está lá, impávida. A goiabeira faz sombra no deque de madeira, o limoeiro foi despido das orquídeas presenteadas que faziam um festival de flores no fim dos anos, a hera invade o muro vizinho, a grama está coberta da lama seca retirada do solo pela prospecção feita no terreno. Não vi a casa vazia dos móveis, não vi a história saindo pelas portas, nem a roupa deixando os armários. Outro dia choveu e me flagrei preocupada com as janelas que poderiam estar abertas. Mentalmente percorro o interior e me alegra a claridade, o sol esquentando as salas, cobrindo nossas camas, esquentando- as para a noite fria. Escuto nossas vozes, escuto risadas e choro de crianças, as nossas, escuto discussões acaloradas, escuto nossos encontros musicais, escuto os seres amados que sempre estavam por lá e que impregnaram aquele espaço de alegria e dignidade e esperança. Tantos, tantos passaram por lá. Tanta emoção, todas as que seres humanos vivem.

Foram anos de perspectivas boas, de construção de uma vida baseada no amor, na solidariedade, na certeza de que mesmo não atingindo a sociedade sonhada, nossa utopia, estávamos solidificando uma realidade no caminho da justiça, da diminuição da desigualdade, da briga pela educação para todos, por chances iguais. Existia esperança no ar, respirávamos o desenvolvimento da cidadania e da participação de uma maioria nas decisões basilares.

Há alguns anos sofríamos o assédio de construtoras, de corretores, de gente interessada nela, a nossa casa. O capitalismo não dá trégua, aquele bairro entrara na mira da especulação.

E aconteceu de não resistirmos mais, nos assustamos com a idéia de ter a entrada de veículos no terreno ao lado, naquela casa que virara item de espólio, a vizinha querida se fora. Também somou-se a consciência do espaço não mais conveniente para nossa idade.

A casa amada se foi junto dos sonhos de um país melhor. A realidade se impõe e a sociedade enfrenta um governo que nem mesmo a imaginação mais sinistra poderia ter articulado. Morreu a casa, morre lentamente o Brasil que conhecemos e amamos. Por enquanto é isso. No meio do desalento encontro um sinal de combatividade. Vou para outra casa que amarei porque a casa somos nós. O Brasil é nosso, das pessoas que querem nele um lugar onde prevaleça a justiça e o amor por mais difícil que seja essa conquista.

Clarice Vasconcellos

Um livro é uma coisa que nasce das coisas

Se "um livro é um cubo de papel, uma coisa entre outras (Jorge L. Borges) e se "das coisas nascem coisas" (Bruno Munari), os trabalhos ora "apresentados" por mim podem ser considerados livros? Sim... eles são livros, meus livros.

Como um útero que envolve uma coisa que foi posta dentro dele, as caixas que chegaram até mim embalavam os presentes de natal do ano passado (vinhos, azeites, cosméticos), que retirados de seus interiores, viram-se vazias e livres para receber outras coisas. Mas, que coisas viriam até elas agora, já que estavam cravejadas de informações a respeito de suas origens materiais, que no devido momento foram atentamente consideradas, e que agora se tornaram excessivas e portanto dispensáveis?

Entregando-se a mim, delas foram retirados os espaços que abrigava tais excessos, lançados fora e deixando-se perfurar, por entre os furos uma linha, ora branca, ora preta, ora fina, ora grossa lhes percorreu os espaços, deixando atrás de si um rastro fixo, definindo novas e velhas imagens, pontos, retas e curvas, pelo direito e pelo avesso...

Há o avesso... o outro lado que algumas coisas tem. Necessário, porém sem ser procurado, almejado, ele surge. Surge não por prima necessidade, mas pela necessidade prima do outro lado. Nele permanecem os nós umbilicais que travam a trajetória da linha, ao contrário do nó dos umbigos dos humanos que ficam do lado direito; as laçadas; as pontas soltas que assim podem permanecer ou não. Nele vemos o movimento do fio conduzido, se seguiu uma mesma direção ou se para manter a aparência do direito, teve de abruptamente mudar de direção, se nessas mudanças de direção houve algum enrosco, causando danos em si próprio, que justamente por estar deste lado, admite-se que não sejam reparados e fiquem assim mesmo; ou se se manteve íntegro, se frouxo ou se adequadamente tensionado...

Do avesso então surge um livro. E deste avesso, agora tornado direito, outro livro. Do avesso do avesso...

Irene Guerreiro

Closet

Etique-tinha
aquela roupinha
Bebê se incomodou
vovó a arrancou
Depois a guardou
E o bebê se aliviou

O tempo passou
Bebê cresceu
Aquelas roupinhas sumiram
Outras vieram
Ninguém arrancou
Bebê gostou
E assim ficou ...

E assim ficou a vovó a pensar no Eclesiastes que começa assim: "tudo tem seu tempo determinado e há tempo para todo o propósito debaixo do céu". E termina com as seguintes palavras: "Assim tenho visto que não há coisa melhor do que o homem alegrar-se nas suas obras, porque essa é sua porção: pois quem fará o tempo voltar para ver o que será depois?"

Ninguém, vovó... O tempo não volta. O tempo passa.

Passa passando
Passando, passa
... PASSEI ...

Irene Guerreiro

Imagens, colagens, cenas, registros, mapas de afetações de encontros. De pequeninas lembranças, componho livros. De insistentes ecos, reescrevo palavras. Tento agarrar obstinadamente, como se isso fosse possível, as intensidades que me escapam. Não, não é possível, mas sou birrenta e sigo nessa insistência que não posso abandonar. Fadado ao fracasso, com a força da teimosia, sigo! Uma necessidade de criação se impõe, não escolho, sou escolhida. Crueza de experiências que precisa ser esculpida, mas ao mesmo tempo, nunca deixará de ser bruta, inacabada, justamente porque não quero acabar com elas. Quero fazê-las durar no tempo, ampliá-las sensivelmente para quem sabe, junto com isso, alargar os poros de nossos corpos surrados.

Quero dar conta dos deslocamentos produzidos pelo estrangeiro-outro ou estrangeiro-eu, que se revelam a cada novo encontro, carne viva tratada de minha precariedade e fragilidade diante da alteridade. Simples assim e difícil assim.

Práticas estéticas que podem ser folheadas, atadas, soltas, costuradas, descoladas... deslocadas... São formas de apreensão do mundo, de lentificação do tempo e de apropriação das experiências. O ato criativo operando coisas, revelando potências e nos dando conta de nossas forças, a despeito de toda incompletude e fragilidade.

Gisele Asanuma

O Jardineiro que tinha fé

Wiliam Kentridge. Demais. Muito para mim. "Na obra de Kentridge é constante a utilização de objetos cotidianos, muitas vezes itens que o artista tem à mão em seu estúdio: um pote de café, uma tesoura. Mais do que apenas o espaço de trabalho, dentro de sua obra o estúdio assume a função de palco, de mise-en-scène e de sujeito, sendo parte de vários trabalhos... Para construir sua obra, Kentridge utiliza elementos reais, referências atuais de lugares, situações e eventos. O mais forte desses elementos é a memória social da África do Sul e seu histórico do apartheid.... Apaga, adiciona, subtrai, acumula, redesenha. O método, marcado por sucessivas mudanças e redefinições, não só se manifesta na percepção da obra como se incorpora à imagem...O vídeo e "flipbook" (livro de artista animado) De Como não Fui Ministro d'Estado, foi feito exclusivamente para a exposição brasileira. O artista faz uma intervenção, desenhando sobre as páginas de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis publicada pelo Clube do Livro, em São Paulo, em 1946. "É um livro que eu li há muitos anos, talvez 20 anos atrás, e me pareceu um grande exemplo de como é possível moldar a narrativa, tomar o absurdo e transformar em algo realista. Eu tinha uma edição de colecionador belíssima, dos anos 1920, mas ela não era boa para desenhar. Usei uma edição muito barata, de larga escala, com papel de má qualidade que no entanto foi belíssima para desenhar", conta o artista" (Catálogo Fortuna de William Kentridge. Pinacoteca de São Paulo)

O livro "O Jardineiro que tinha fé" teve sua primeira edição brasileira em 1996. Devo ter lido há 20 anos também, final da década de 90.

O meu livro em questão não é tão antigo como a edição de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" onde Wiliam Kentridge não considerou boa para desenhar e muito menos a edição do Clube do Livro onde ele ousou de todas as formas e criatividade. Um belo trabalho. Que coragem e ousadia.

Não gosto muito de livros de autoajuda, mas esse em especial mexeu com temas muito relevantes para mim. Contar histórias, memórias familiares e meio ambiente.

Eu tenho fé que consiga interagir artisticamente com O Jardineiro...

Apesar do receio de desenhar, pintar, escrever sobre as páginas do livro. E se quiser reler? Mas sinto falta de ilustração nesse livro. Como fazer então?

Primeiro vou tirar a árvore da cabeça. Sem medo, colocar a árvore no trabalho. Entronizar a natureza.

Pinheiros, bosques. Brincar com fotos PB e coloridas. Transparências sobrepostas... sobreposição e mais transparência. Árvores, respiros, sobreposição. Vazar clarões

Explorar a mata, desenho, texto, tudo junto misturado.

Na mancha a cor, no recorte a imagem.

Quem sabe um mini livro no meio das páginas, soltos no papel vegetal ou acetato.

Ou printar e imprimir outro livro, em outro tamanho.

Cinzas? Não vou cortar. Uma idéia! Colocar as cinzas em uma caixa de acrílico vedada.

Todos os livros se apropriam de árvores que se transformam em papel e o papel em cinzas

A finitude da vida. Mas todo fim é um recomeço e transforma-se num sem fim.

Nada se perde, tudo se transforma. Já dizia Lavoisier, na natureza nada se perde nada se cria tudo se transforma.

Renascer. E assim muitas histórias são contadas, contadas e contadas muitas vezes.

Lídice Salgot

marca imortal

Entre tantas lacunas que fazem da existência humana um árduo caminhar diário, escolho uma temática que se sobressaiu sutilmente em meus trabalhos: a finitude da vida. Embora a única certeza que temos na vida seja a morte, todos nós passamos a vida tentando sobrepujá-la. Seja a morte por uma escolha, por caminhos seguidos, pela perda de pessoas queridas ou pelo nosso próprio destino.

Pensar na morte me levou a olhar para o passado, àqueles que viveram antes de mim e as lembranças que deixaram.

Vidas, histórias, fotografias de família... memórias que permanecem, enquanto o tempo apaga. A morte e a vida caminham juntas indistintas.

A morte e a memória estão intrinsecamente atadas à própria história. Se somos impregnados por lembranças de algumas pessoas é porque as mesmas existiram deixando-nos saudosos de suas presenças. O que está por vir causa-nos temor, mas também a certeza de que necessitamos que nossa própria história perdure em doces lembranças.

"...às vezes, quando alguém escreve um livro ainda nutre a esperança de que deixa, assim, uma marca imortal, que inscreve um rastro duradouro no turbilhão das gerações sucessivas, como se seu texto fosse um derradeiro abrigo contra o esquecimento e o silêncio, contra a indiferença da morte." (Jeanne Marie Gagnebin)

Talvez eu ainda possa ter esperança...

Marcia Rosenberger

Corpo cintilante

Errâncias
Deslocamentos e pausas
Somos nós, somos outros
Entre si, entre outrem
Atravessados pelo silêncio, turbilhões de palavras
A deriva
Nas plataformas da vida
Entre dentro e fora
Longe, perto, lá, através, agora
Fendas, vazios, reentrâncias compartilhadas
Torna meu corpo seu corpo
Suspenso num sopro entre frestas de vida
Tessituras de prazeres vividos

Margarida Holleri

Vivências compartilhadas

No meio de muitas outras aguarda silenciosa.

Alguém mede a espessura.

Esta? Aquela?

Acha-se muito riscada. Vai demandar um polimento dependendo do que se vai fazer.

Quantos centímetros você quer? Faço só dois cortes.

Lentamente sou erguida e dividida. O argumento é que para ser transportada, não posso ter aquele tamanho.

Pressinto que algo está para acontecer.

Sou carregada e premida em suas mãos. Ato contínuo levada para um imenso galpão onde um jovem nos recebe com carinho. Sou medida, riscada e guilhotinada.

Acertam minhas sobras.

Partes que partem.

Partidos, parte.

O vai e vem constante persiste dia após dia.

Coisas se acumulam na mesa. O ambiente claro e sossegado é interrompido por sons de riscos e rabiscos em papéis. O que está para acontecer exige que eu seja analisada e refletida.

Tem dias que não sou olhada.

Paciente, espero o girar das chaves e o abrir da porta.

Aqui,

Ali,

Além.

Hoje começaram a gravar sinais, marcas, relevos sobre minha superfície que retidos na memória afloram:

Talhos, atalhos, cunhos,

Linhas, rabiscos, cavos, encavos,

Avançam, migram e sedimentam ideias.

Raspadores e brunidores revolvem gestos e ações entre pausas e apagamentos.

Onde o tempo entrega e guarda.

Outras partes que partem, permutam e experimentam outro tipo de ação: uma face é impermeabilizada e em outras nuvens de pó resinoso são acumulados. Milhões de pontos se amontoam e a ação do fogo os incorpora. Sofro mordaçagem e ácidos penetram em minhas entranhas construindo milhões de outros poros.

Passagens.

Sou invadida pela água. Depois de seca sou entintada. Véus de gaze varrem delicadamente a superfície. Linhas e tons são criados.

Enfim sou premida, achatada, esmagada sobre um delicado material que me absorve.

Sou consubstanciada em fluxos luminosos num vir a ser.

Corpos impressos

Paixões, desejos, atos de vontade.

Fendas, ocos, vazios, reentrâncias.

Margarida Holler

- “Alo, você é a Fabiola Notari que dá cursos de Livro de Artista?”

- Sim, sou eu.”

Depois de uma breve apresentação de cada uma....

- “Preciso aprender a fazer Livro de Artista, porque o que eu estou fazendo está errado!

Você pode me ajudar?”

- “Não existe Livro de Artista certo ou errado!” me disse a Fabiola.

Isto foi há pelo menos 3 anos e assim começou meu interesse por Livros de Artista e com a Fabiola Notari, com o alívio e a perspectiva de que os livros de artista não se prendem a padrões de forma fechados, extrapolam o conceito do livro “tradicional” e abrem novos caminhos para a imaginação e criação.

Mas afinal, o que é um livro de artista?

Depois de ler e pesquisar, descobri que o Livro de Artista pode ser um livro-objeto, livro ilustrado, livro de arte, livro-poema, poema-livro, livro-arte, arte-livro, livro-obra. São livros ou objetos em forma de livro ou não, sobre os quais os artistas terão total controle da aparencia e da obra final e seu formato, sendo entendido com uma obra de arte em si mesmo. O livro de artista resulta num fazer artistico e assim o artista e a arte terão uma definição nas suas diferentes culturas um conceito de arte controverso e variavel.

Estas extensas possibilidades podem ser vistas nos livros de William Blake (1788-1821), caderno de viagem ao Marrocos de Delacroix (1832), Marcel Duchamp (1934), e os cadernos de Leonardo da Vinci no seculo XV que fascinam a qualquer um que teve acesso a eles.

E quando e porque surgiram os Livros de Artista?

Os Livros de Artista surgiram nos anos 1960/70 quando artistas buscavam novas possibilidades artisticas questionando museus e galerias.

Os Livros de Artista contemporaneos podem ser claramente descritos por Riva Castleman que os denomina como: “obra do artista cujo imaginario, mais do que estar submetido ao

texto, supera-o por traduzi-lo dentro de uma linguagem que tem mais significado do que as palavras sozinhas podem transmitir."

Riva Castleman diz ainda: "o livro de artista pode ser manipulado e folheado pelas pessoas retirando a arte do ambito de preciosidade, da aura e da contemplação...."

Assim, os Livros de Artista podem ser uma nova experiencia com fotografias, desenhos, carimbos, dobraduras, colagens, palavras e demais recursos e serem apresentados nos mais diversos formatos.

E assim me senti livre para criar, desenvolver, conceber, compor, idealizar minhas ideias usando figuras, textos, desenhos, xilogravuras, recortes, texturas, descricoes, historias, fotografias, utilizando os mais diversos materias entre papeis de diferentes cores e texturas, madeira, metal, acrilico e ate pedras, recortados, colados, sanfonados, dobrados, de rolo e amarrados com barbante, rafia, fita e fio de aluminio. Quando terminados gosto de apresenta-los sem explicações pois cada um podera olhar-los e toca-los e cada um percebera de maneira diferente o que está sendo apresentado, manifestado, exteriorizado, revelado, exposto, visivel, idealizado e ate fantasiado.

Renata Danicek

texto em fluxo (sem título)

ganhei umas palavras para a cor vermelha da caixa de palavras que é cor de imaginar e atingir horizontes coloridos em céus de outonos guardados na memória ou largados por aí em dias ausentes mas quem sabe a gente se vê na certa presença do horário marcado ou em distâncias espessas de tanto encontro ou em histórias perdidas na lembrança dos fatos de outrem ou ainda em momentos calientes de puro cio esquecidos dos silêncios profundos das alturas rasas e das peles saciadas em venenos de palavras gritadas por multidões afobadas ameaçadas por corrupção discriminação preconceitos caóticos de tanto desprezo insensatos rabiscam nas paredes textos que nunca leem que não se repita que não se repita que não se repita que não se repita e repetem a intolerância o racismo o consumismo e a mesmice que mesma nos espaços enquadrados por jogos de palavras calculadas em centímetros cúbicos em palavras soltas da boca que escorrem pelos dedos circulam e ascendem acendendo um fogo de palha que afaga e espalha e espelha anuviando a menina dos olhos que por não enxergar o que vê apaga a memória dos presentes e daqueles que vieram buscar um pouco de ópio para acordar e fazer novos acordos com passantes distraídos que não pisam em violetas mas que violam o jardim o espaço da rua que dura em rachaduras de alto padrão abertas na esquina por palhaços e acrobatas que desfilam na corda bamba entre um prédio e outro que com certeza serão construídos prometendo conforto e segurança em belíssimas plantas sem clorofila abismam-se diante do abismo plano com jardins suspensos acima e longe da floresta de carros dão passos entre o tráfico e um trago e eu me consumo em palavras vermelhas que entram e saem da caixa mágica que foi lembrada como desvios para o vermelho mas reprimida porque seria comunista e ninguém mais quer ser comum todos querem um perfil de facebook ou de instagran instante para lembrar de ver e esquecer de ser o devir de voar se surpreender por revelar mostrar aparecer desejar influir não enxergar pontos de vistas só esperar curtidas curtas esperar aplausos e pontos de apoio com ângulos obtusos os retos são dispensáveis sob demanda e quem é que manda todos dispensam a visibilidade invisível para encontrar seu lugar na multidão mas quem tem vez

quem tem voz desenharam uma forca no meio da praça lotada para quem encontrar a resposta apesar do pesar a pé carregando peso ainda sigo o encantamento de palavras que contém palavras e que guardo não em frascos egípcios e sim em vidros longilíneos ou em espelhos alongados distorço contorço resolvo com jogos de palavras o verme que há no vermelho sangro os dedos que também ficam vermelhos de tanto escrever sem ler ou sigo como o escultor fracassado que não ouve o que a pedra tem a lhe dizer ou como poeta em frangalhos que esculpe pássaros sobre a mesa por não conseguir escrever uma linha de costura bordada nas bordas e nos avessos do avesso do avesso a ver-se do outro lado que é aqui e agora para relatar o que há exprimido na lata de sardinha com palavras e desenhos da linha de chegada que se afasta a cada passo que damos em sua direção continuar continuar continuar a conter o ar enquanto durar e dura e é duro perceber o feito enquanto se faz o jeito é continuar fazendo e deixando para trás urge rever revirar re-voltar riscar o papel sem apagar ex-crê-ver é deixar de crer e ver escrever é fazer linha contínua no concreto é fazer poesia de plástico e plantar num vaso de palavras é ver imagens nas nuvens e despida mergulhar em águas imaginárias para continuar nua contigo no ar por ora pauso a ponta do lápis aponto o dedo acuso o grafite que não risca mais o papel e ponto final

Rita Balduíno

Travessia

Pela janela
Camadas de tempo
Volúpias da vida
Encantamentos
Delicados perfumes
Paisagens claras
Linhas sinuosas
Silêncio de arcos
Ruídos fartos
Que se desdobram
na minha frente
O vidro se interpõe
Cristalino e frágil
Espelhando a minha face
E os reflexos expõem
As cicatrizes da alma

Sandra Lopes

LISTA DE IMAGENS

1

Christina Parisi

Régua

95 x 40 cm e 95 x 40 cm

Técnica mista

2019

2

Christina Parisi

Palavras Recebidas

60 x 32 cm e 23 x 22 cm

Técnica mista

2019

3 - 4 - 6

Christina Parisi

Geo-metricas

21 x 100 cm (cada)

Técnica mista

2019

5 - 7

Christina Parisi

Palimpsesto

22 x 32,5 cm e 21 x 7 cm

Técnica mista

2019

8

Clarice Vasconcellos

Tricô

45 x 40 cm

Desenho sobre papel vegetal

2019

9 - 10

Clarice Vasconcellos

Viajando no tricô

100 cm x 12 cm

Desenhos em cartões colados em sanfona

2017/2019

11

Irene Guerreiro

Livro-coisa 2

10,5 x 20 cm (fechado) - 25 x 30 cm (aberto)

Bordado e costura sobre papel

2019

12

Irene Guerreiro

Livro-coisa 1

14 x 7,5 cm (fechado) - 14 x 30 cm (aberto)

Bordado e costura sobre papel

2019

13

Irene Guerreiro

Livro-coisa III

17 x 10 cm (fechado) - 30 x 30 cm (aberto)

Bordado e costura sobre papel

2019

14

Irene Guerreiro

Etique-tinha

8 x 11 x 2 cm (fechado) - 8 x 40 cm (aberto-sanfona) ou 8 x 20 cm (aberto em leque)

Cópia impressa e carimbo sobre papel

2019

15 - 16

Irene Guerreiro

Closet

30 x 21 cm (fechado) - 30 x 21 x 20 cm (aberto)

Costura e carimbo sobre tecido

2019

17

Gisele Asaanuma

4 quartos não é um inteiro

36,8 x 36,8 x 2,5 cm

Caixa preta dividida em quatro (in)cômodos com livros de artista

2019

18

Gisele Asanuma

Inventário das agulhas

21 x 21 x 8 cm

desenhos sobre papel em livro sanfona com colagem envolto por caixa de papelão e palha

2019

19 - 20

Gisele Asanuma

diagnóstico cínico

32 x 37,5 x 9,5 cm

Negatoscópio disfuncional com imagem de ressonância magnética do tronco encefálico da artista sobre Pantone

2017-2019

21

Lídice Salgot

Trajetos

5,5 x 4,5 cm (fechado) - 5,5 x 9,0 cm (aberto). Cordão 45 cm

Livro composto por nomes de ruas impressos em etiquetas transparentes, desenhos e colagens de mapas em pequeno caderno de anotações

2019

22

Lídice Salgot

Hora do tempo, tempo da hora

38,0 x 49,5 cm - Corrente de relógios 1,50 cm

Instalação com 23 relógios - familiar e pessoal.

Desenhos em nanquim e frases sobre papel arroz/japonês. Suporte em papelão preto

2019

23

Lídice Salgot

Foco 1 e 2

40 x 29 cm

Livro formato bloco com fotografias digitais impressas em papel vegetal

2019

24 - 25

Lídice Salgot

Página por página, sobraram algumas

19 x 14 cm (fechado) - 19 x 28 cm (aberto) – 19 x 45,5 cm (aberto com as orelhas)

Intervenção com desenhos em lápis de cor sobre o livro e papel vegetal, reprodução de aquarelas e pastel seco, fotografias digitais impressas em acetato, papel fotográfico e vegetal. Colagens e carimbo. Saco plástico com cinzas de eucalipto

2019

26

Marcia Rosenberger

Longa viagem noite adentro

11,5 x 8 x 15 cm

livro-objeto - caixa de música, mini livro

2019

27

Marcia Rosenberger

Navegar

14 x 19 x 10 cm

livro-objeto - minilivro costurado à mão, carimbo artesanal, livro antigo

2019

28

Marcia Rosenberger

Onde habitam os sonhos

28 x 19 cm

livro-objeto - bordado, acrílica sobre livro

2019

29 - 30 - 31

Margarida Holler

Fronteiras ausentes

2 gravuras impressas em tecido, recortes – 39 x 39 cm e 27 x 27 cm

1 coração de 13 x 11 x 3 cm malha de cobre, fios soltos e peso de 100gr.

1 livro de artista: gravuras impressas em tecido e papel, suturas, recortes e fio de cobre tecido 20 x 20cm.

2019

32

Marisa Garcia de Souza

La Bibliothèque en ROSE II

55 x 55 cm

Mini biblioteca emoldurada.

Coleção de pequenos livros de literatura universal encadernados en couro ROSA com douração manual por Edemilton Ramos.

2019

33

Marisa Garcia de Souza

A Mulher e o Surrealismo / R U P T U R A

22 x 20 cm

Livro encadernado sobre cordas. Capas em mdf pintado em ROSA

2019

34

Marisa Garcia de Souza

Equilibrista ROSA

35 x 24 cm

Boneco de artista cor de ROSA equilibrando conhecimento

2019

35

Renata Danicek

Espirais em livros

16,5 x 16,5 cm

Recorte digital sobre acrílico

2019

36

Renata Danicek

Uma certeza ....

o sol sempre nasce e sempre se põe

10 x 15 cm base / comprimento 1,5m

Fotografias - Jalapão

2019

37

Renata Danicek

Espirais em renda

16,5 x 24,5cm

Recorte digital sobre papel

2019

38

Renata Danicek

Uma certeza ....

o sol sempre nasce e sempre se põe

15 x 10 cm / diâmetro 30 cm

Fotografias – Ponta do Mutá

2019

39

Renata Danicek

Espirais em livros

6,5 x 6,5cm

Recorte digital sobre acrílico

2019

40

Renata Danicek

Cartas ao acaso para um acaso

Altura 20 cm/ diâmetro 30cm

Mosaico sobre madeira balsa, basegiratória e diálogos

2019

41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46

Rita Balduíno

Caixa de palavra ou o livro vermelho das coisas que não pude esquecer ou das coisas que fui largando no mundo para te acessar

32 x 47 cm (fechada) - 55 x 95 cm (aberta)

Caixa de Poesia / Objeto-Poema / Livro de Artista

2019

47

Sandra Lopes

Viagem

10,5 x 10,5cm

Acrílica sobre papel

2019

48

Sandra Lopes

Interferências

16,5 x 11cm

Colagem, bordado, pintura sobre papel

2019

49

Sandra Lopes

Paisagem entrelaçada

12 x 17cm

Fotografia

2019

50

Sandra Lopes

Ressignificação

20 x 22 cm

Etiquetas costuradas com capa de voil e gorgurão

2019

51

Sandra Lopes

Sobras

Caixa de acrílico contendo restos de linhas e etiquetas

2019

52 - 53 - 54 - 55

Christina Parisi, Clarice Vasconcellos, Cris Rosa, Fabiola Notari, Irene Guerreiro, Gisele Asanuma, Lídice Salgot, Marcia Rosenberger, Margarida Holler, Marisa Garcia de Souza, Renata Danicek, Rita Balduino e Sandra Lopes

História Universal: Leituras

Livro antigo apropriado e transformado (diversas técnicas)

23 x 16 x 4,5 cm (fechado) | 23 x 32 x 2,25 cm (aberto)

2019

sobre os encontros do grupo de estudos

O grupo de estudos *Livros de artista, livros objetos: entre vestígios e apagamentos*, como o próprio nome anuncia, propõe diálogos entre o universo das publicações e edições de artista com os conceitos de memória, esquecimento e tempo. Nos encontros quinzenais buscou-se relacionar leituras direcionadas com proposições práticas, onde ambas provocassem reflexões coletivas na contemplação juntamente com o desenvolvimento de projetos individuais e ampliação de repertório dos inscritos.

Em 2019, foi proposto um novo formato. Produção intensa para a realização de uma exposição ao final do ano corrente. Dessa maneira, além das atividades práticas e teóricas os inscritos tiveram acompanhamentos específicos para a produção do que seria exposto.

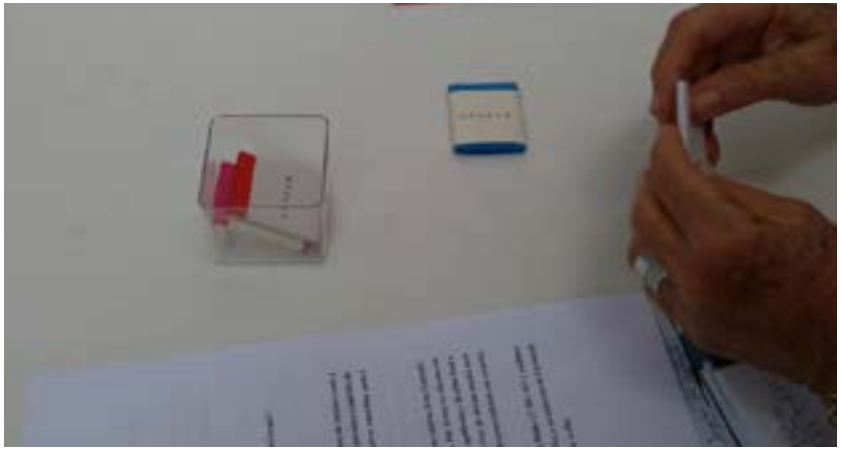
Em 2013, este grupo fazia parte das atividades da Fundação Ema Klabin com orientação da Profª. Drª. Luise Weiss e assistência da Fabiola Notari e Marília Lourenço. No primeiro semestre de 2014 suas atividades mudaram de endereço, aconteceram no espaço da Associação Jatobá de Artes Visuais (AJA) na Vila Madalena, com nova orientadora, Fabiola Notari.

Desde o 2° semestre de 2014 os encontros do grupo de estudos acontecem no ateliê da Casa Contemporânea na Vila Mariana com orientação da Profª. Drª. Fabiola Notari. Em comemoração aos seus 5 anos de coexistência na Casa Contemporânea, realizou-se a exposição *o nome das coisas* (de 12 de novembro a 14 de dezembro de 2019).

Nossos objetivos iniciais eram o desenvolvimento de edições/publicações de artista – livros de artista, livros-objetos e afins – a partir de proposições teórico-práticas, como também produção de projetos individuais e coletivos, enquanto discutímos conceitos e bibliografias para assim planejarmos e produzirmos a mostra que aqui, neste catálogo, está registrada.

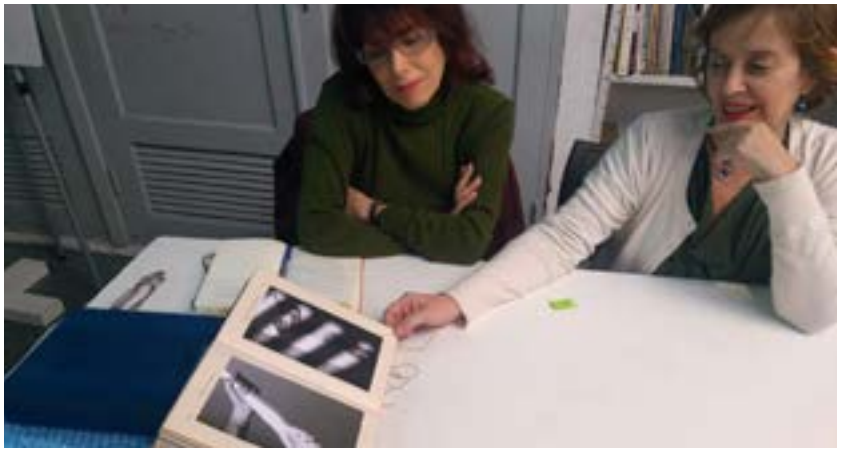
Os encontros quinzenais aconteceram das 14h às 17h nos dias 12/02, 26/02, 12/03, 26/03, 09/04, 23/04, 14/05, 28/05, 11/06, 25/06, 13/08, 27/08, 10/09, 24/09, 08/10 e 22/10/2019.

Nos páginas seguintes, uma sequência visual das produções e processos criativos compartilhados no ateliê.



PANTONE
Warm Gray 2
PANTONE
PANTONE 14-1119

MEDIOCRIDADE
DISCRIMINAÇÃO



EXPOSIÇÃO

CURADORIA
Fabiola Notari
PRODUÇÃO E MONTAGEM
Fabiola Notari | Casa Contemporânea
EXPOGRAFIA E PROJETO VISUAL
Fabiola Notari
IMAGEM DA CAPA
Fabiola Notari

CATÁLOGO

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO
Fabiola Notari
REVISÃO
Lídice Salgot
FOTOGRAFIA E TRATAMENTO DE IMAGEM
Priscila Bellotti

Este catálogo foi composto em Gill Sans MT e Gill Sans Ultra Gold, em dezembro de 2019.